TL 1610

# Xanana Gusmão

José Alexandre Gusmão nasceu em Laleia (Manatuto) em 1948.
Estudou no Seminário de Dare dirigido pelos padres jesuítas e depois no liceu de Dili.

Casou em 1971 com Emília. Tiveram dois filhos: Eugénio (Nito) em 1972 e Zenilda em 1975. Ao mesmo tempo que trabalhava na administração civil, Xanana estudava à noite. Emília trabalhou primeiro nos Serviços das Obras Públicas e depois nos Serviços de Educação.
Na altura do 25 de Abril 1974 o casal pensava emigrar para a Austrália. Xanana chegou a ir para Darwin explorar o terreno mas quando voltou em Outubro de 1974 a sociedade timorense estava em plena ebulição com a criação dos partidos políticos. Emília lembra-se que Xanana foi convidado por todos os partidos, ela perguntou-lhe então se não iam para a Austrália: **"Não vamos, respondeu Xanana. A minha terra precisa de mim"** *(Diário de Notícias 18/7/91).*

Xanana aderiu à Fretilin *(chamava-se então ASDT - Associação Social-Democrata Timorense).* **"Os seus colegas da altura o descrevem como muito reservado, amante de poesia e demonstrando grande capacidade de observação e análise política"** *(Tapol n.114).*
Durante os meses em que a Fretilin assumiu a administração de facto de Timor-Leste *(Agosto/Dezembro de 1975)* Xanana trabalhou no Departamento da Informação.
Quando as tropas indonésias invadiram Dili, Xanana encontrava-se perto da fronteira onde tentava recolher imagens dos ataques que as forças armadas indonésias já faziam contra o território timorense. Emília estava em Dili com as crianças.

Porque qualquer contacto poderia pôr em perigo as vidas de uns e outros, nunca mais Xanana encontrou a família.

---

Na resistência Xanana adopta o nome de Kay Rala Xanana Gusmão. Primeiro é comandante do sector de Hacsolok e mais tarde comissário político do mesmo sector.
Na altura das grandes campanhas indonésias de cerco e aniquilamento em 1978-79, quando a maioria da população refugiada no mato é dizimada pelos bombardeamentos, a fome e as doenças, Xanana encontra-se na Ponta-Leste.
Após a morte de Nicolau Lobato, presidente da Fretilin, e a rendição ou massacre da maior parte dos combatentes, Xanana inicia com o seu grupo uma longa caminhada para contactar os outros grupos armados e restabelecer as ligações.

De 1 a 8 de Março 1981 reúne-se uma Conferência Nacional da Resistência que deverá escolher os seus novos dirigentes e adaptar a estratégia às novas e completamente diferentes condições da luta. Xanana é eleito presidente do Conselho Revolucionário da Resistência Nacional (CRRN) e comandante-em-chefe das Falintil, as forças armadas da Fretilin.

Em 1983 a nova estratégia militar da resistência deu resultados suficientes para levar o comandante militar indonésio, coronel Purwanto, a propor negociações. Xanana exige que seja o coronel Purwanto a deslocar-se em lugar controlado

pela resistência para as conversações preliminares que se realizam nos dias 21 e 23 de Março. Um cessar-fogo é acordado entre as duas partes mas, para garantir o sério do processo, Xanana exige que o Secretário-Geral da ONU seja informado da realização das negociações.

Três meses depois dos primeiros encontros, em Junho, o general Murdani, comandante-em-chefe das forças armadas indonésias lança um ultimato à rendição e dá um prazo até Agosto.

Mais de 50.000 soldados indonésios são lançados numa operação para aniquilar a resistência e capturar ou matar Xanana.

A guerra tem altos custos, sobretudo nas populações civis controladas pelos indonésios que sofrem duras represálias para todos os ataques levados a cabo pela resistência. Durante os meses de cessar-fogo Xanana e os seus companheiros puderam contactar essas populações e têm a certeza de que a imensa maioria é oposta à presença indonésia. Por outro lado a resistência timorense não pode esperar uma vitória militar sobre a Indonésia. A solução deve ser política.

Os apoios surgem de todos os lados, tanto de responsáveis de outros partidos outrora opostos à Fretilin que manifestam a Xanana a sua vontade de participar na luta contra o ocupante, como do clero: *"**a nossa luta seria extremamente mais difícil não fosse o indispensável apoio que a Igreja de Timor-Leste tem vindo a conceder e a garantir à Resistência**" (X. Gusmão, carta a um padre, Junho 76).*

Quando jovens das cidades pedem a Xanana para se juntarem à resistência ele encoraja-os a ficar nas cidades e a levar aí uma acção política, alias no mato as armas e as munições fazem falta. Começam então a verificar-se manifestações nas principais cidades. Os objectivos não são claramente políticos mas esse carácter está subjacente: em manifestações reivindicando o acesso aos escalões superiores de ensino em condições de igualdade com os filhos dos indonésios, os jovens timorenses ameaçam irem 'para a escola de Xanana' se não lhes for dado satisfação.

A luta contra o ocupante é cada vez menos o exclusivo do partido que historicamente foi o motor dessa resistência. É necessário que essa situação se reflicta nas estruturas: *"**As Falintil que, há 14 anos surgiram sob os ventos maléficos das divisões, adquiriram durante estes 11 últimos anos o papel verdadeiro que lhes pertence e que visa unicamente a defesa da Pátria, livres de toda a dependência política em relação a qualquer partido que seja. Afirmamos que as Falintil não aceitarão a mínima pressão de indivíduos ou de partidos que procurariam utiliza-las...**" (Xanana Gusmão, 5 de Outubro 1989).* E para que tudo fique mais claro, Xanana anuncia que ele próprio abandona a Fretilin para assumir o seu papel de comandante-em-chefe das Falintil e presidente do novo órgão director da resistência, o Conselho Nacional da Resistência Maubere (CNRM).

Aumenta a acção política e diminui a acção armada. Pressionada a nível internacional para abrir o território e posta em confiança pela relativa acalmia a nível militar a Indonésia abre parcialmente o território.

A passagem de visitantes de marca torna possível manifestações mais declaradamente políticas. Se as forças armadas indonésias não reprimem as manifestações, elas aumentaram rapidamente; se as reprimem perante os visitantes, dão-lhes uma divulgação acrescida na opinião pública internacional.

As manifestações sucedem-se: Outubro 89 (João Paulo II), Janeiro 90 (embaixador dos EUA), Setembro 90 (embaixador do Vaticano).

Para facilitar o acordo sobre a visita de parlamentares portugueses, funcionários da ONU e jornalistas, prevista para fins de 1991, Xanana pede para suspender as manifestações até a sua realização.
Anulada a visita, e perdida pelo mesmo facto a melhor oportunidade para chamar a atenção internacional realiza-se a manifestação de 12 de Novembro para aproveitar a presença em Dili do relator especial da ONU sobre a tortura e a de alguns jornalistas entrados como turistas para dar cobertura à frustrada visita dos deputados.

Porque a resistência clandestina nas vilas e cidades é tão importante como a resistência armada nas montanhas, Xanana aumenta as suas idas às povoações controladas pelos indonésios, com os riscos que isso comporta. Em 20 de Novembro de 1992 é preso em Dili.

---

Nos primeiros tempos depois da prisão Xanana aparece em videos gravados pelos seus carcereiros ou sob o seu controlo. Renega a sua vida de
resistente e apela aos seus companheiros de luta para que se entregam. A Indonésia quer exprimir até a última gota o sumo da sua vitória e anuncia um julgamento público. Xanana adopta um perfil baixo mas adverte os jornalistas presentes que devem assistir ao julgamento "até ao fim".

O "fim" é a sua defesa que Xanana obteve de poder pronunciar pessoalmente. O resistente, o líder, reaparecem com toda a sua força nesta defesa que o juiz interrompe e que Xanana pronuncia alias num tribunal do qual os jornalistas foram afastados, mas uma cópia do texto tinha sido enviado para o exterior...

Xanana Gusmão tornar-se-á o Nelson Mandela de Timor-Leste, disse o representante de Xanana no exterior, José Ramos Horta. Poderá na prisão ser mais incómodo ainda para os ocupantes de Timor-Leste que o era nas montanhas.
Mas a principal semelhança de Xanana Gusmão com Nelson Mandela não está no líder preso, está num sentido do direito e da justiça que ultrapassa o sentido do grupo ou do partido para alargar-se aos próprios direitos dos adversários; está na fé no diálogo para resolver os problemas mais complexos. A personalidade de Xanana Gusmão e a sua liderança reconhecida tornam a sua figura essencial num processo que só avançará pela via das negociações, quando as pressões internacionais serão suficientemente forte para que os dirigentes indonésios percebam que esta via é também a melhor via para a própria Indonésia.